O PARTILHAR DO SENSÍVEL EM *O AVESSO DA PELE*: LITERATURA DE TRAUMA E MEMÓRIA

José Reinaldo da Silva Torres (UFNT)[1]

Resumo: O presente artigo analisa a presença da literatura sensível e de trauma no livro *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório. A partir dos estudos de memória e lembrança feitos por Bosi (1995); da literatura de trauma em Sehgal (2022); do debate sobre literatura marginalizada e representatividade em Santiago (2004), Dalcastagnè (2012) e Penna (2010), busca-se compreender como o romance nacional elabora a experiência da violência racial e urbana por meio do resgate de lembranças traumáticas. O texto busca apontar como a obra de Tenório se insere no campo da literatura contemporânea brasileira como espaço de denúncia, resistência e elaboração da memória.

Palavras-chave: Jeferson Tenório. Literatura de trauma. Memória.

Abstract: This article analyzes the presence of sensitive and trauma-related literature in Jeferson Tenório's book The other side of the skin (2020). Based on studies of memory and remembrance by Bosi (1995); trauma literature by Sehgal (2022); and the debate on marginalized literature and representativeness by Santiago (2004), Dalcastagnè (2012), and Penna (2010), it seeks to understand how the Brazilian novel elaborates on the experience of racial and urban violence through the retrieval of traumatic memories. The text aims to show how Tenório's work fits into the field of contemporary Brazilian literature as a space for denunciation, resistance, and the elaboration of memory.

Keywords: Jeferson Tenório. Trauma literature. Memory.

1 Introdução

> "A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que possa ser a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor". (Bosi, 1995, p. 55)

A citação de Bosi abre caminho para compreender a centralidade da memória na literatura contemporânea. As lembranças, sejam reais ou produzidas em fatores ficcionais, não somente preservam experiências, mas também reconfiguram sentidos coletivos e individuais. Da experiência carcerária em *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, às lembranças fictícias extremamente sensíveis do contemporâneo *Tudo é rio* (2015), de Carla Madeira, a

1 Doutorando em Linguística e Literatura na Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLLIT — UFNT). O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) – Processo nº BM-08301/24 – e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Participante do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação Literária, do CNPq. E-mail: josereinaldostorres@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-3331-4281. Lattes: https://lattes.cnpq.br/0883834557137613.

literatura brasileira recorre à memória como meio de reconstrução simbólica, denúncia e crítica ao real.

Em *O avesso da pele* (2020), do autor Jeferson Tenório, esse movimento se manifesta pela articulação entre lembranças, traumas e identidade racial. A obra insere-se em um panorama literário em que, como observa Schøllhammer (2009), cresce a tendência de revalorizar experiências pessoais e sensíveis como filtros de compreensão do real. Essa literatura, em diálogo com os movimentos sociais, emerge como testemunho, denúncia e elaboração de uma experiência coletiva marcada pela violência.

Para Bosi (1995), a memória nunca é reprodução fiel: ela se reconstrói a cada evocação. Assim, a literatura de memórias transcende a simples categorização de gênero, assumindo papel antropológico, político e social. Justino (2015) ressalta a importância da literatura contemporânea em problematizar os clássicos e abrir espaço para narrativas de grupos historicamente marginalizados, inserindo-se em um debate sobre poder, exclusão e hierarquias culturais:

> […] a nossa relação com os clássico precisa ser problematizada, eles devem voltam a causar em nós um estranhamento produtivo, que tanto permite desencobrir seus substratos profundos, ideológicos, de classe, étnicos, de valor etc., e ao mesmo tempo seja capaz de alarga-los para dar conta da diversidade, "das contradições, das lutas e dos conflitos que constituem a história de uma sociedade" e que condiciona a apreensão de trabalho criativo humano além de fundamentar critérios de hierarquização e valor cultural. (Justino, 2015, p. 88)

Imediatamente, é possível perceber a relevância da posição social ocupada por um autor a partir de sua profissão, pois sua produção literária não se limita somente à criação de narrativas voltadas ao entretenimento, mas também cumpre um papel essencial na formação humana. Nesse sentido, o pós-modernismo contribuiu para consolidar a literatura de memória como um caminho cada vez mais necessário e recorrente, responsável por trazer à luz narrativas que, por muito tempo, permaneceram silenciadas pela sociedade ou consideradas de pouca importância.

> [...] o discurso crítico do pós-modernismo estar postulando o fim da vanguarda, o potencial de ruptura está vivo entre camponeses, operários, velhos, pobres, migrantes, negros, gays, mulheres, doentes, ou seja, os excluídos ainda acham possível um outro mundo diferente da globalização econômica e cultural e, no nosso caso, têm a literatura como objeto de disputa. (Justino, 2015, p. 84)

Silviano Santiago (2004) observa que a literatura produzida "a partir da margem" ocupa papel essencial na compreensão da desigualdade e da violência estrutural no Brasil,

funcionando como espaço de resistência simbólica. Complementarmente, Dalcastagnè (2012) analisa como a literatura brasileira contemporânea permanece um território de disputas, especialmente no que diz respeito à representação da população negra, periférica e feminina, historicamente silenciada no cânone.

2 Trauma e narrativa

Parul Sehgal[2] no artigo *The Case Against. The Trauma Plot* (2022), aborda como o trauma se desenvolveu e se configura na literatura atualmente. Utilizando a personagem do clássico *Mr. Bennett and Mrs. Brown* (1924), Sehgal comenta como a Virginia Woolf utilizou uma figura feminina aos prantos que encontrou num trem em uma manhã qualquer, e escreveu um dos seus mais emblemáticos livros, contribuindo para a ideia do que seria visto e categorizado futuramente como literatura de trauma.

O enredo do trauma tem um forte e presente artifício que é direcionar a nossa imaginação e curiosidade ao passado da narrativa/personagem, dificilmente ao futuro. Esse artifício se faz como um dos grandes atrativos a esse tipo de literatura.

> Como explicar o arrepio do trauma? Pegue seus cantos. A vida moderna é inerentemente traumática. Não, somos apenas melhores em identificá-lo, tendo nos tornado mais atentos ao sofrimento humano em todas as suas gradações. A menos que sejamos piores, mais propensos a perceber tudo como lesão. Em um mundo apaixonado pela vitimização, o trauma surgiu como um passaporte para o status, nosso emblema vermelho de coragem? A questão em si pode ofender: talvez seja grotesco argumentar sobre o valor simbólico atribuído ao sofrimento quando tão pouca restituição ou remédio está disponível. Tantos debates laboriosos, todos deixados de lado quando é hora de se divertir. (Sehgal, 2022, p. 2, tradução nossa)

Toda essa consagração de narrar memórias traumáticas em formato de poesia, narrativas, talk-shows, pode ser vista como um sinal de defeito moral, segundo a autora. Essa posição livre nas últimas décadas deu espaço para o surgimento de diversos romances de memórias que viraram best-sellers, mas até que ponto o ficcional traumático pode apagar o real?

> A alegação de que a marca do trauma é uma característica atemporal de nossa espécie, que ele se grava no cérebro humano de uma maneira distinta, ignora como o trauma tem evoluído desde os dias da coluna ferroviária; flashbacks traumáticos foram relatados somente após a invenção do filme. As palavras que chegam aos nossos lábios quando falamos de nosso sofrimento são puramente nossas? (Sehgal, 2022, p. 4, tradução nossa)

2Foi redatora da *The New Yorker* de 2021 a 2024. Anteriormente, foi crítica literária do *Times* , onde também atuou como editora sênior e colunista.

Entretanto, há um espaço significativo para a literatura de trauma que se dedica a narrar experiências de natureza verídica, além das ficcionais. Essas narrativas de sobrevivência emergem com grande potência, mas ainda assim frequentemente têm seu valor colocado em dúvida.

> Questionar o papel do trauma, somos advertidos, é oprimir: é "muitas vezes nada mais do que uma resistência aos movimentos por justiça social", Melissa Febos escreve em seu próximo livro, "Body Work: The Radical Power of Personal Narrative." Aqueles que olham com desconfiança para memórias de trauma, diz ela, estão replicando o "papel clássico de perpetrador: negar, desacreditar e demitir as vítimas, a fim de evitar ser implicado ou perder o poder." Sobreviventes de trauma e pesquisadores que testemunharam sobre experiências ou apresentaram evidências de que se chocam com a narrativa preferida, muitas vezes encontram suas próprias histórias negadas e descartadas. (Sehgal, 2022, p. 5-6, tradução nossa).

Seja um ponto positivo ou negativo para a literatura, os estudos sobre os efeitos de obras com um teor traumático não exercem uma ruptura ou chamam atenção o suficiente para evitarem esse tipo de leitura. George A. Bonanno[3], pesquisador do Laboratório de Perda, *Trauma e Emoção* localizado na Columbia, relata que "as pessoas não parecem querer deixar de lado a ideia de que todos estão traumatizados."

Podemos comentar sobre como os autores usam seus episódios traumáticos na sua literatura, transformando um relato pessoal através de uma exorcização utilizando seus personagens, como, por exemplo, quando Virginia Woolf abordou sua própria experiência de abuso sexual, uma descrição cautelosa para "a pessoa a quem as coisas acontecem", (Sehgal, p. 6, tradução nossa).

No campo da literatura de trauma, Penna (2010) aponta que as narrativas traumáticas no Brasil articulam a memória e identidade coletiva, funcionando como forma de testemunho diante da violência social. Sehgal (2022), por sua vez, discute como o trauma se tornou um eixo narrativo recorrente, mobilizando o leitor por meio da curiosidade sobre a dor e a memória dos personagens.

Como a velha senhora do *Sr. Bennett e a Sra. Brown,* na qual Woolf decidiu descrevê-la de uma forma que pudesse surgir o impulso pelo imaginar, tentar entender como funciona a vida privada de alguém, o possível trauma que ela passou em sua vida para que chegasse ao ponto de estar chorando em um vagão de trem, Tenório recorre aos mesmos artifícios para despertar a curiosidade do leitor e narrar os fatos de Henrique em *O Avesso da*

3 Professor de psicologia clínica no Teachers College, Universidade de Columbia, EUA. Ele é responsável por introduzir a ideia controversa de resiliência ao estudo da perda e do trauma.

Pele.

3 A narrativa do trauma em *O avesso da pele*

Jeferson Tenório utiliza os seus romances para tratar de assuntos traumáticos e extremamente sensíveis. Suas reflexões sobre abandono ganham forma na sua obra *O Beijo na Parede* (2013) no qual temos uma criança como personagem principal, prosseguindo com mais força e desenvolvimento em *Estela sem Deus* (2018), dando espaço para uma adolescente, e, por fim, fechando uma possível trilogia sobre a temática, temos Pedro, em *O avesso da Pele*.

Tenório constrói sua narrativa por meio da voz de Pedro, jovem que tenta reconstruir a memória do pai, Henrique, assassinado em uma operação policial. A partir desse trauma, o romance articula lembranças fragmentadas, objetos carregados de afeto e experiências do racismo cotidiano. O recurso da rememoração aproxima o leitor da dor dos personagens e cria uma poética da memória.

A religiosidade de matriz africana — percurso recorrente em todas as obras do autor, principalmente em *O avesso da pele* —, amplia o horizonte da narrativa ao associar o processo de luto ao ritual de aprendizagem do abiã[4] no candomblé. Como observa Muniz Sodré (1988), as tradições afro-brasileiras funcionam como depositárias de uma memória coletiva que resiste à exclusão cultural.

Assim como na religião que cultiva a crença na existência da alma e na vida após a morte, o personagem passa por esse momento de compreensão dos acontecimentos para enfrentar a trágica perda do pai; no candomblé este período é necessário para o abiã entender, conhecer e aprender as práticas sobre os ritos e cerimônias, assim como outros momentos para os segmentos da religião. A escolha do autor ganha sentido porque o romance também exige tempo de leitura, permitindo que o leitor atravesse um processo de aprendizagem por meio da narrativa.

Pedro começa a traçar este caminho por meio de objetos e memórias que guarda do pai, assim como completar essa linha de memórias com acontecimentos que ele suponha que tenha acontecido, mas sem certezas concretas.

> Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são obras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade. (Tenório, 2020, p. 13)

4 O termo refere-se àquela pessoa que adentra o Candomblé, porém ainda não foi iniciada na religião.

Esse percurso que Pedro enfrenta ao resgatar essas memórias, vai ao encontro de outros personagens envolvendo sua família, como a infância da sua mãe e os primeiros namorados; os primeiros conflitos relacionados à cor; a identificação da reação do pai em entender como sua presença, a de um homem negro, era vista socialmente.

> Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem seus documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha um emprego. Tudo isso passava anos reverberando em você. Como um mantra. Um manual de sobrevivência. (Tenório, 2020, p. 88)

O trauma, no romance, não se restringe ao acontecimento da morte de Henrique, mas se expande para abarcar toda a experiência de violência estrutural vivida pelos personagens. Pedro, ao reconstruir fragmentos da memória do pai, elabora seu luto e, simultaneamente, reescreve a história em um espaço coletivo. Conforme Penna (2010), esse gesto é fundamental para compreender o trauma como experiência compartilhada, e não apenas individual.

Como o autor retrata a fala do filho em posição ao pai reconhecendo acontecimentos diários como sinais de preconceito em relação à sua cor, surgindo até mesmo da namorada que o enxergava como um fetiche sexual , e que se gabava em responder às curiosidades das amigas também brancas sobre a intimidade dos dois. E essa clara visão da sua posição se forma e se desenvolve através do seu professor:

> Resistir fazia parte da sua vida e você nunca havia se questionado por que as coisas eram assim. Nunca se questionou por que era pobre, nunca se questionou por que vivia sem pai. Nunca se perguntou por que a polícia o abordava na rua com tanta frequência. A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela. Mas, quando o professor Oliveira contou para sua turma sobre Malcolm X, quando vocês conversaram sobre Martin Luther King, quando pela primeira vez você ouviu a palavra “negritude”, o seu entendimento sobre a vida tomou outra dimensão, e você se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava. (Tenório, 2020, p. 32, 33)

O romance evidencia como o racismo estrutura a vida de Henrique e de sua família: desde os conselhos de sobrevivência para “não chamar a atenção dos brancos” até a percepção do corpo negro como ameaça. A formação intelectual de Henrique, no contato com figuras

como Malcolm X e Martin Luther King, marca um ponto de virada em sua consciência racial, que se reflete na prática docente.

Pedro narra como essa percepção do pai sobre a violência e exclusão vai crescendo e tomando mais espaço em suas vivências diárias, principalmente na sua profissão como professor. Esse momento de recolhimento acontece mais uma vez, agora por um período mais longo, porém, sendo extremamente necessário para Henrique aceitar-se como professor, sentir-se útil e necessário em seu lugar. Esse momento se forma quando ele percebe que conseguiu mudar a visão dos alunos sobre suas aulas, tornando-se um momento satisfatório.

> Peterson disse que a sua aula tinha sido muito boa. Você ofereceu o livro se ele quisesse emprestado. Ele agradeceu, mas disse que precisava correr atrás de um trabalho. Você pensou em insistir, pensou em fazer um discurso sobre aquela história de pão e literatura, que as duas coisas são importantes, mas não estrague tudo, professor, não exagere. Você deu uma de suas melhores aulas dos últimos tempos, contenha-se, você pensou. Numa esquina, Peterson se despediu de você. Enquanto caminhava, você ficava lembrando de cada pedacinho da aula. (Tenório, 2020, p. 172)

O autor consegue apresentar uma narrativa extremamente poética ao tempo que temos acontecimentos traumáticos e revoltantes acontecendo com os personagens, essa prática tem o intuito de agregar e aproximar o leitor na construção da obra. O leitor pode não se identificar integralmente com a experiência narrada, mas é conduzido a compartilhar a intensidade emocional evocada pelo texto. Evidenciamos uma ideia rotativa na narração, o recolhimento de fatos e absorção das ideais após um traumático acontecimento para Pedro, que é exposto no início ao fim do livro, deixando clara a intenção do autor sobre o uso das memórias:

> Às vezes você fazia um pensamento e morava nele. Afastava-se. Construía uma casa assim. Longínqua. Dentro de si. Era esse o seu modo de lidar com as coisas. Hoje prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. (Tenório, 2020, p. 13)

Ao fim do livro:

> Acho que vocês nunca se preocuparam em organizar uma narrativa para mim. Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes de minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstituindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstituindo esta história para mim. Preciso arrancar a tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida. (Tenório, 2020, p. 183)

Aqui, a literatura se afirma como espaço de resistência. Como aponta Santiago (2004), ao deslocar o olhar para a perspectiva dos marginalizados, a narrativa rompe com a lógica de

silenciamento. Do mesmo modo, Dalcastagnè (2012) destaca que a representação de personagens negros e periféricos tensiona as estruturas excludentes do sistema literário brasileiro.

Observar como as memórias afetam a narração de uma história é essencial, sobretudo quando analisamos aquelas selecionadas pelo autor para compor a trajetória de Pedro, com o objetivo de emocionar o leitor e, ao mesmo tempo, denunciar uma realidade social. Na literatura sensível, o recurso à memória traumática cumpre a função de dar visibilidade a experiências historicamente marginalizadas e, por muito tempo, excluídas do espaço literário.

Assim, a narrativa cumpre papel social ao trazer à cena vozes historicamente marginalizadas. Nesse sentido, confirma-se a observação de Santiago (2004) de que a literatura da margem é espaço de elaboração simbólica da exclusão, e de Dalcastagnè (2012), que a literatura brasileira ainda é um campo de disputas pela representatividade.

4 Conclusão

A literatura sensível presente em *O avesso da pele* ultrapassa a esfera da ficção para se tornar testemunho e denúncia. Tenório, ao articular memória, trauma e identidade racial, expõe o caráter violento da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, cria um espaço de resistência simbólica.

A narrativa de Pedro evidencia como a reconstrução da memória é também um processo de cura e de reinscrição identitária. Ao partilhar lembranças traumáticas, o romance de Tenório reafirma a função da literatura como prática social e política, capaz de tensionar a história oficial e abrir espaço para vozes silenciadas.

A análise de *O avesso da pele* evidencia como a literatura brasileira contemporânea mobiliza o trauma para refletir sobre a exclusão racial e a violência urbana. Tenório articula uma escrita sensível que aproxima o leitor da dor do outro, mas que também ressignifica a experiência pela via estética.

Referências

ANDRADE, Patrícia H. **João Anzanello Carrascoza e a tendência sensível na literatura brasileira contemporânea**. Brigham Young University, 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

JUSTINO, L. B. Novos estatutos de memória na literatura brasileira contemporânea: os "marginais". **Revista Alere**, v. 2, n. 1, p. 16, 2015. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/575. Acesso em: 26 out. 2024.

PENNA, João Camillo. **Literatura e trauma no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SEHGAL, Parul. The case against the trauma plot. **The New Yorker**, 2022. Disponível em: https://www.newyorker.com/magazine/2022/01/03/the-case-against-the-trauma-plot. Acesso em: 13 nov. 2024.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.